

UMA ALTERNATIVA DIDÁTICA: A PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POR ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DAS NARRATIVAS POPULARES

ELIZABETH DA SILVA (UNIPAC - PIRANGUINHO).

Resumo

O presente trabalho discute como se configura, no plano expressivo, os valores culturais de determinado grupo social e a importância desse conhecimento para o professor de língua materna dessa comunidade. O desenvolvimento desta pesquisa utiliza a teoria bakhtiniana que entende a linguagem no processo dialógico constitutivo que participam o eu e o outro. Os estudos centraram-se nas obras: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995) e *Estética da Criação Verbal* (2003). Entram como suporte teórico, além das obras de referência, os leitores críticos dessa teoria: Brait(2005;2006), Luz(2003), Fiorin (2006), Fernandes (2007), Machado (2005), entre outros. A pesquisa envolve a coleta de material relacionado a relatos orais e escritos de habitantes do município de Piranguinho, Minas Gerais e a produção de uma revista em quadrinhos, resultado do projeto de produção do gênero discursivo história em quadrinhos, realizada pelos alunos de sétima série da rede estadual de ensino explorando a temática das narrativas populares. Tais textos buscam estabelecer uma relação entre o texto oral, a reelaboração para a escrita e a produção verbo-visual do texto selecionado, considerando os aspectos constituintes do gênero; variações em função do tema, da forma composicional de cada um em função do contexto histórico, social e da posição do enunciadores. A conclusão é a de que o conhecimento das peculiaridades de produção linguística da comunidade pode auxiliar docentes a exercerem atividade de ensino efetivo da língua; podendo servir também de material didático auxiliar da atividade docente, como um diálogo entre as diversas formas de manifestação linguística.

Palavras-chave:

dialogismo, gênero discursivo, prática docente.

Uma alternativa didática: a produção de HQs por alunos de ensino fundamental a partir das narrativas populares

Introdução

O objetivo deste trabalho é promover um diálogo entre teoria e prática, visualizar como se dão os trabalhos com a linguagem verbal e não-verbal em sala de aula, e o valor de se trabalhar os gêneros discursivos no contexto escolar. O conhecimento das peculiaridades de produção linguística da comunidade auxilia o professor a exercer o ensino da língua, utilizando-o como material didático auxiliar.

A obra de Bakhtin é marcada pela visão de conjunto e considera a análise do texto partindo da organização, interação verbal, contexto, intertexto, enfim, de todos os elementos envolvidos no processo. Sua preocupação é com a língua enquanto elemento de comunicação e de interação e não como sistema. De acordo com esse escritor, numa relação discursiva é fundamental conceber o todo real da comunicação verbal. Ele defende a natureza social e evolutiva da língua, eue se encontra em constante evolução em decorrência das interações verbais dos interlocutores. O dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e condição do sentido do discurso.

Concepção de dialogismo, enunciado e discurso

Nas relações de comunicação, os elementos envolvidos estão investidos do princípio de reciprocidade, de cumplicidade, pois é por meio da interação verbal que ocorre o processo dialógico. O pensamento de Bakhtin tem como eixo norteador a interação verbal com seu caráter dialógico e polifônico. Em função disso, a língua é tratada como um fenômeno social, histórico e ideológico. A comunicação verbal tomada como objeto de estudo deve considerar essas condições, jamais deve estar fora desse vínculo com a situação concreta, segundo Bakhtin/Volochinov (Bakhtin/Volochinov, 1995):

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída - graças à língua materna - se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não "adquirem" sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (p.108)

A língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico e em função disso, seus signos são variáveis e flexíveis, com um caráter mutável, histórico e polissêmico. Ela está em constante evolução através das interações verbais entre os interlocutores e com isso não se admite a concepção de língua enquanto um sistema abstrato de normas. Bakhtin toma a língua enquanto elemento de comunicação, de interação e não como sistema, pois ela se concretiza pelas enunciações. A partir do momento que se concebe o homem como um ser social e histórico, a linguagem passa a ser concebida em situação concreta, considerando-se a enunciação e o contexto.

Dialogismo é, portanto, o espaço interacional entre o "eu" e o "tu" ou entre o "eu" e o "outro". Isto significa dizer que é uma interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário, no texto. Na perspectiva bakhtiniana o "outro" é imprescindível na formação do "eu" e a linguagem é percebida numa relação dialógica. O dialogismo destaca a natureza contextual da interação e o aspecto sociocultural dos contextos, nos quais as interações ocorrem.

Fiorin (2006) apresenta o dialogismo como projeto de investigação que unifica a obra de Bakhtin, para quem o sujeito é constituído por meio das relações dialógicas, isto é, o sujeito se constitui à medida que vai ao encontro do outro.

No princípio dialógico da constituição da linguagem, a apreensão do mundo é situada historicamente, pois o sujeito estabelece relações com o "outro" e assim exerce e recebe influências, por meio da assimilação das diversas vozes que integram seu discurso.

O sujeito participa desse diálogo com outras vozes de maneira particular, pois sua história, sua constituição é singular. Assim, pode-se afirmar que em seu mundo interior ecoam vozes sociais heterogêneas, fazendo dele, um ser integralmente social e singular, simultaneamente. O sujeito, ao produzir um enunciado, apresenta

a singularidade que lhe é própria, aquilo que o individualiza e que na escrita caracteriza seu estilo. Porém, as marcas da subjetividade se encontram na intertextualidade proposital ou na interdiscursividade subjetiva do autor, cuja interpretação dependerá do leitor.

Tem-se aí a presença das diversas vozes, em que o sujeito deixa de ser o centro da atividade discursiva e é substituído por diferentes vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. O discurso se realiza numa situação pragmática, extraverbal, contextual, histórica e essa situação se estabelece para manter sua significação.

O papel do "outro" contribui, ainda, na constituição do sentido, uma vez que todo discurso não é original, traz em si outros discursos, outras vozes que se manifestam e interagem para a concretização do ato conversacional; mesmo que seja em pensamento, o diálogo já está instituído.

O discurso tomado como exterioridade da língua encontra-se no social, envolve questões lingüísticas e muitas vezes apresenta posições em contraste, revelando lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos. Dessa forma o discurso necessita da língua(gem) em si para existir, isto é, para ter existência material e/ou real.

Tanto o sujeito quanto o discurso são resultados da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais. A palavra variará em função do interlocutor real ou presumido, isto é, se é uma pessoa do mesmo grupo social ou não, a posição que ocupa na hierarquia social, se há ligação com o locutor por laços sociais mais ou menos estreitos, como parentesco, amizade.

O enunciado, nos estudos bakhtinianos, é tomado como um acontecimento sociológico. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995), ele é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, já em *Estética da Criação Verbal* (2003), Bakhtin aborda a questão como um ato concreto de uso da linguagem, definindo-o como um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.

Se o enunciado é concebido como objeto dos estudos da linguagem, possui valor discursivo, social e histórico, portanto não existe fora das relações dialógicas. Ele é sempre resposta a um enunciado anterior; o enunciador, além de manter relação com o objeto da enunciação, também se relaciona com os enunciados dos outros. Nele estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados que ele refuta, confirma, completa, pressupõe. Possui uma compreensão responsiva ativa onde o ouvinte torna-se locutor na medida em que produz uma resposta; essa compreensão responsiva é um elemento abstrato de um fato real, é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa, a qual se materializa no ato real da resposta subsequente.

Assim, os enunciados produzidos só ganham sentido na medida em que ocorrem na interação verbal.

Gêneros discursivos em sala de aula

Os gêneros discursivos considerados como atividades de produção, recepção e circulação do discurso, um fenômeno social, existem em determinada situação comunicativa e sócio-histórica.

Segundo Bakhtin (2003), em qualquer atividade humana o sujeito lança mão da linguagem para produzir enunciados; a produção dos mesmos dependerá da intencionalidade, interesse e finalidade de cada atividade. Entende-se com isso que os enunciados podem ter uma produção diversa mediante propostas comunicativas e condições de produção diferentes. A esses modelos de produção mais estáveis, que permitem a identificação imediata pelo receptor/ interlocutor, dá-se o nome de gênero do discurso.

As atividades humanas relacionadas à produção de enunciados são inesgotáveis, estão em constante crescimento e alteração. É impossível, portanto, definir a quantidade exata de gêneros discursivos em produção, pois a cada dia surgem novas e variadas formas de enunciados.

Ao explorar os gêneros discursivos, em sala de aula, coloca-se o sujeito em condições de perceber propostas de comunicação em diferentes contextos. Tal visão é importante para o professor de língua materna, para integrar-se à comunidade onde desenvolve seu trabalho docente, para conhecer o meio em que os alunos vivem e desenvolver seu trabalho de modo mais produtivo. Essa iniciativa pode ser realizada de maneira planejada, explorando atividades como a expressão oral e escrita. Resgatar a cultura de uma comunidade é básico para traçar linhas de ações didáticas mais significativas.

Sendo a escola um ambiente de comunicação, nela ocorrem inúmeras situações de produção e de recepção de textos, em que o aluno se encontra envolvido com uma variedade de textos, podendo ser leitor ou produtor desses gêneros. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004) o trabalho com gêneros na escola deve levar o aluno ao domínio de diferentes tipos de gêneros discursivos, assim como funcionam na realidade, nas práticas comunicativas. A sugestão é que se leve para os alunos textos que circulem diariamente na sociedade para se recriar situações que reproduzam práticas de linguagem de referência.

É fundamental adotar os gêneros num trabalho para desenvolver a linguagem. Para isso, exige-se decisão didática diante dos procedimentos a serem tomados, objetivos precisos que priorizem o conhecimento, compreensão, produção do gênero e desenvolvimento de capacidades que o ultrapassem. Isto significa que, além do domínio do gênero, o aluno deve ser capaz de utilizá-lo para comunicar-se, indo além das situações de sala de aula e aplicando em situações sociais.

Histórias em quadrinhos: um gênero em questão

Todos estão envolvidos num universo que se caracteriza pela presença das múltiplas linguagens no cotidiano. Os alunos se encontram mergulhados nessa atmosfera em que a tecnologia estimula o imaginário, desperta interesses e promove o domínio de novas linguagens. Um mundo verbo-visual se descortina explorando a imagem, o movimento, a interatividade. As histórias em quadrinhos, que se encaixam nesse universo, possuem grande aceitação entre leitores de diversas faixas etárias e, conseqüentemente, sua leitura faz parte do cotidiano escolar.

A linguagem verbo-visual se faz presente no cotidiano dos jovens alunos, que mantêm contato com ela em diversas situações de práticas de leitura e de produção textual, portanto, explorar esse tipo de linguagem no ambiente escolar se torna prazeroso, uma vez que é algo muito familiar aos alunos. A linguagem verbal vai aparecer, nos quadrinhos, principalmente, para expressar a fala ou o pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas apresentadas. Quando utilizada para expressar a fala dos personagens, se utiliza o balão, que varia em função da mensagem que se deseja informar ao leitor. A expressão verbal de sons é feita, nos quadrinhos, por meio das onomatopéias.

A utilização das histórias em quadrinhos no ambiente escolar se justifica, pois aumenta a motivação dos estudantes, aguça a curiosidade, desafia o senso crítico, desperta certa identificação de crianças e jovens com os ícones da cultura de massa. Além disso, o gênero oferece um variado leque de informações passíveis de serem discutidas em sala de aula.

Dessa forma, fez-se a proposta de produção de histórias em quadrinhos aos alunos da rede estadual de ensino do estado de Minas Gerais, partindo de narrativas orais que circulam na comunidade local, tendo como objetivo comparar as formas em que elas se apresentam, o tipo de veículo usado para a divulgação e o público a que se destinam.

Marcuschi (2005) afirma que se deve trabalhar um gênero tendo a compreensão de como este funciona na sociedade, qual a relação que estabelece entre os indivíduos pertencentes àquela cultura e as suas instituições.

De acordo com Lopes-Rossi (2003), além dos aspectos discursivos deve-se considerar que cada gênero apresenta vários níveis de organização, portanto o trabalho contemplou, além dos aspectos discursivos, a organização composicional e o estilo genérico e individual, marcas enunciativas do sujeito no momento da produção escrita.

O trabalho ofereceu aos alunos conhecimento de material variado de narrativas que os constituem e são passíveis de serem registrados e divulgados num suporte que circula na sociedade.

Ao desenvolver as atividades de produção do gênero histórias em quadrinhos, percebeu-se como as pessoas da comunidade têm prazer em narrar histórias. Os pais transmitiram as narrativas aos alunos, oralmente, e estes as relataram em uma outra forma de expressão, tendo como base o que foi inicialmente narrado, porém com alterações, pois nenhum enunciado é repetível, ele é único. Ainda que seja dito, seguindo com fidelidade o original, ele não será uma repetição, pois o momento, as condições de produção e o espaço interacional serão outros e, em consequência, o significado também será.

Os enunciados concretos, constituídos de linguagem verbal, visual e verbo-visual, produzidos e recebidos em esferas discursivas diferenciadas, estabelecem uma relação dialógica com outros enunciados. Estes enunciados pressupõem sujeitos que estão envolvidos no processo comunicacional, sejam eles locutor/enunciador ou ouvinte/ leitor, inseridos num determinado contexto espacial e temporal, num momento sócio-histórico. Portanto, há de se considerar que os fatos narrados podem ser os mesmos, porém o significado é outro, se diferenciando pela experiência de vida de cada um dos enunciadoreis.

A história narrada oralmente, por exemplo, tem significado diferente ao ser reproduzida em um texto escrito, pois é atualizada para um novo contexto,

enriquecida e modificada. Ao ser elaborado em outro gênero, a narrativa original se transforma e entra numa outra proposta de comunicação. Tanto o tema, a forma composicional como o estilo são modificados.

Análise e interpretação dos dados

A título de análise, serão utilizados dois textos coletados, sendo que um apresenta características que o diferenciam do outro. O primeiro é um texto oral produzido pelo aluno J.L.M.S., em sala de aula, no ano letivo 2007, para seus colegas e professoras, numa atividade de expressão oral, na qual os alunos narraram histórias coletadas junto aos seus familiares. A atividade foi gravada e transcrita pela pesquisadora, segundo as normas de transcrição do Projeto NURC/SP - Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo. Os alunos estavam no círculo; no momento da produção do enunciado o aluno se sentia incomodado com a presença do gravador e com a situação em si. Ao narrar o fato, o aluno apresentou um tom de voz lento, lançou mão de recursos expressivos para demonstrar o local exato da picada da cobra, por exemplo, além de utilizar uma linguagem coloquial, acessível aos seus interlocutores.

um dia né... meu vô quando ele tinha uns deiz ano por aí... ele tava brincano com o amigo dele de doze... os dois éh... treparam numa árvore seca né... e dipois desceram... meu vô:: desceu normal o outro... tinha uma moita lá... ele pulô... caiu em cima da moita... tinha uma cobra coral lá... picô ele bem aqui ((mostrou o local na altura do tornozelo)) quando ele chegô no hospital já... morreu... treis dia depois... meu vô tava meio triste chorano... tava durmino... di repente ele acordô... começô a iscutá ruído aí ficô tudo balançano aí acabô... aí ele olhô pra janela não tinha nada... dois dia dipois escutô di novo... feiz nada... no:: aí passô um dia iscutô ruído dipois um grito... ele saiu pra fora não tinha nada... ele pegô... entrô... iscutô um ruído mais forte ficô e::... pegô o machado saiu pra fora e começô metê na árvore (J.L.S.M - 12 anos)

Tomando-se para análise o texto acima, verifica-se as formas composicionais do gênero narrativo. Elementos que constituem a narrativa se fazem presentes, como narrador, personagens, espaço, tempo, enredo. O narrador faz a exposição em terceira pessoa, apresenta os personagens como duas crianças amigas, que vivem na zona rural e passam por uma experiência trágica. Logo de início, informa aos ouvintes que um dos personagens da história é o avô dele, portanto remete o enunciatário a uma época mais remota, com peculiaridades próprias, diferentes daquelas que se encontram na atualidade.

Apresentando um estilo próprio de narrar história, o enunciador procura envolver o seu enunciatário no clima da história. Isso se pode perceber na forma como é narrada a história, as pausas realizadas, o suspense criado por ele. Pode-se afirmar ser este o seu estilo; gesticula, omite ou acrescenta algumas letras nas palavras, como "tava brincano", "pulô" ou modifica outras como "dispois"; utiliza expressões redundantes "saiu para fora", faz uso de uma linguagem coloquial, para se aproximar de seu interlocutor. Verifica-se certa insegurança e/ou nervosismo, pois hesita ao se expressar "os dois éh". Observa-se que o aluno utiliza expressões próprias da oralidade como "né", "aí".

No ano letivo de 2008, os alunos tiveram oportunidade de se envolver em formas diversificadas de leitura de quadrinhos em vários veículos que circulam na

sociedade como gibis, revistas e jornais, conheceram ainda narrativas feitas por seus colegas a partir de narrativas coletadas na comunidade de Piranguinho, no segundo semestre letivo de 2007. Um grupo formado pelos alunos B.H.F., E.H.F., L.F.S., M.H.M.G, selecionou a narrativa apresentada, anteriormente, para criar a história em quadrinhos, sob o título: *A árvore mal-assombrada*.

Ao narrar, oralmente, a história o aluno em momento algum cita a palavra "mal-assombrada", porém passa essa idéia, o que justifica o título usado na história em quadrinhos. Logo no título, ao usar o termo "mal-assombrada", os autores sugerem que o que está por vir não tem uma explicação lógica, podendo ser um fato real ou imaginário. Este enunciado tem um tom diferente neste contexto, pois se para os mais velhos mal-assombrado é algo que amedronta, apavora, para os mais jovens, que assistem a filmes, a desenhos, que leem histórias desse gênero, que brincam com essa questão, não passa de mais uma história sem muita explicação, um enigma ou até mesmo uma invenção da imaginação daquele que narra, com um tom de humor.

Sendo o título constituído por essas palavras: "*A árvore mal-assombrada*", carrega uma entonação expressiva, dando o tom desejado ao enunciado, dialogando com o imaginário popular. Os autores estabelecem um diálogo com o leitor, que se utiliza de seu conhecimento de mundo, de suas crenças e ideologias para interagir com o texto apresentado.

A história em quadrinhos criada em Anexo 1 segue a organização composicional própria, explorando linguagem verbo-visual. Traz a página dividida em três retângulos, que apresentam uma cena com personagens caricaturizados, como exemplo, na primeira cena percebe-se, claramente, que os autores dão um destaque ao personagem que está por cair, pois sua imagem está num tamanho exagerado em relação às demais. Considerando a imagem do outro personagem, pode-se afirmar que este se encontra protegido entre os galhos da árvore, que praticamente o abraça. Tem-se, no primeiro quadro, o balão com a fala do personagem: "O galho está seco e eu estou com medo" e a indicação do fato que está por acontecer.

Quanto à expressão facial dos personagens, ainda no primeiro quadrinho, pode-se dizer que apesar da iminência da queda eles estão sorrindo, felizes, sem nenhuma preocupação. É o tom dado pelos autores ao apresentar a história, que não trata mais de um acontecimento "trágico" como aquele narrado, anteriormente; aqui ela traz um ar de leveza, de inconseqüência. Nota-se um diálogo com o texto narrado pelo aluno J.L.S.M., que se torna referencial para a montagem do novo gênero.

Por se tratar de uma criação feita por alunos, que não dominam nenhuma técnica específica para desenho, chama a atenção o cuidado que o grupo teve para exprimir sentimentos dos personagens através da expressão facial. Ao representar a decepção ao receber a notícia da morte do amigo, apresentam o personagem com os ombros caídos, o olhar e a sobrancelha idem. Porém, a expressão facial do mesmo personagem se modifica quando os alunos procuram representar, no 4º quadrinho, o medo ou a apreensão ao ouvir o ruído do lado de fora da casa durante a noite, os olhos ficam bem abertos assim como a boca. No último quadrinho, a expressão facial do personagem é modificada diante da satisfação de descobrir a solução para o problema: surge um sorriso discreto no rosto dele.

O ambiente representado nos quadrinhos é semelhante ao que os alunos vivem, ou seja, um ambiente rural, com quintal, árvore frondosa, chão de terra batida, mato no seu entorno. A casa tem estilo rústico, uma varanda, cadeira de balanço, tijolos à vista, se encontra isolada e está cercada por montanhas. O hospital desenhado é

a imagem que o grupo tem desse local: pobre, com janelas e paredes precárias, poucos móveis, a presença de um médico e o letreiro indicando que ali se trata de um hospital. Aqui se percebe um relacionamento com o contexto atual desses jovens alunos: o atendimento médico precário e deficiente oferecido às pessoas que dependem de um hospital público, tornando a morte precoce um fato entre os jovens da região.

Na história em quadrinhos, não se tem uma determinação da época exata em que ocorreu o fato, podendo o leitor chegar à conclusão de que tal fato pode ser atual, pois reflete situações que são evidenciadas no dia-a-dia da comunidade. Na história narrada, a indicação temporal fica bem demarcada no início, quando o aluno J.L.S.M. diz: "um dia né... meu vô quando ele tinha uns deiz ano por aí".

Um recurso expressivo presente nos quadrinhos é a representação dos sons, dos ruídos, através das onomatopéias. No texto em questão, tem-se "TREC", levando o leitor a concluir que um personagem se faz presente na cena, que algo ou alguém vem quebrar o silêncio da noite para amedrontar o personagem principal.

O medo do sobrenatural é outro elemento forte na credence popular e aqui se faz presente, a ponto de fazer com que o personagem corte a árvore somente no dia seguinte, à luz do sol. Os autores brincam com esta situação, pois vivem num outro momento sócio-histórico; para eles, a noite não tem mais a significação de outrora, onde a escuridão total amedronta por não revelar o que de fato está acontecendo. Desta forma, buscam novas maneiras para impressionar o leitor, como a apresentação do desenho em preto e branco, proposital segundo os autores da história: "para não tirar o efeito do texto de assombração".

Concluindo, percebe-se que o texto narrativo apresenta elementos discursivos diferentes do texto verbo-visual produzido. Deve-se considerar também a esfera de circulação dos discursos apresentados, pois as histórias em quadrinhos pretendem atingir um público maior, enquanto que a narrativa oral ocorre na interação imediata com o outro, num determinado tempo e espaço. Mas ambas têm a sua função social de narrar um fato pertencente à credence popular.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M.Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____;(V.N.Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7ª ed., São Paulo: Hucitec, 1995.

BARROS, D.L.P.de.; FIORIN,J.L.(Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J.L., *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006

LOPES-ROSSI, M.A.G. *Níveis de conhecimento necessários ao domínio da escrita formal*. Revista Ciências Humanas, Taubaté, v.9, n.1, p. 61-17, jan./jun.2003 a.

MARCUSCHI, L.A. Apresentação. In: BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 7.ed., São Paulo: Cortez, 2007.

SCHNEUWLY, B e DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B e DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, p. 71-91, 2004.

ANEXO 1

